

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)
e outras arquiteturas

ORGANIZAÇÃO

Luciana Saboia
Ana Elisabete Medeiros
Paola Ferrari

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)

e outras arquiteturas

EDITORA



UnB

Coordenação de produção editorial

Revisão

Diagramação

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Mariana Donner

Mônica Luce Bohrer

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar

Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF

CEP: 70910-900

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

P964

Projeto, ensino e espaço universitário [recursos eletrônico] : o Instituto Central de Ciências (ICC - UnB) e outras arquiteturas / organizadoras, Luciana Saboia, Ana Elisabete Medeiros, Paola Ferrari. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2023.
293 p.

Formato PDF.

ISBN 978-65-5846-092-3.

1. Universidade de Brasília. Instituto Central de Ciências. 2. Arquitetura. 3. Campi universitários. I. Saboia, Luciana (org.). II. Medeiros, Ana Elisabete (org.). III. Ferrari, Paola (org.).

CDU 727:378.4

Sumário

Apresentação | *Luciana Saboia Fonseca Cruz e Ana Elisabete de Almeida Medeiros* 7

PARTE 1 | Projeto e Ensino: a universidade de Brasília e outras arquiteturas no Brasil

1. Da gênese e magnitude da praça | *Matheus Gorovitz, Maria Cláudia Candeia de Souza* 18
2. Grelha modular na ilha artificial: O projeto da Cidade Universitária no Rio de Janeiro e o ensino de arquitetura | *Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu* 34
3. O Campus Joaquim Amazonas da UFPE: criação, consolidação, desafios atuais e perspectivas | *Fernando Diniz Moreira* 44
4. A Faculdade de Arquitetura da UFRGS, o ensino e a Arquitetura Moderna Brasileira no Sul (1940/1960) | *Sérgio Moacir Marques* 62
5. Da megaestrutura à estrutura mínima: o sistema básico da Universidade Federal de Minas Gerais | *Carlos Alberto Batista Maciel* 84

ICC | Caderno de imagens 95

PARTE 2 | O Instituto Central de Ciências: projeto, construção e vivência

6. O instituto de Niemeyer | *Andrey Rosenthal Schlee* 152
7. Planos e projetos do Instituto Central de Ciências, 1963/2013 | *Cláudio Oliveira Arantes* 184
8. A complexidade da síntese | *Elcio Gomes da Silva, Juliano Caldas de Vasconcellos e José Manoel Morales Sánchez* 202
9. Projeto e questões ambientais: percorrendo o Instituto Central de Ciências | *Cláudia Naves D. Amorim, Caio Frederico e Silva e Guilherme D. Sales* 222
10. O ICC como espaço museológico | *Reinaldo Guedes Machado* 240
11. Berçário de inovação e integração de saberes | *Frederico Flósculo Pinheiro Barreto* 252

CONSIDERAÇÕES FINAIS | Projeto e memória: (re)configurações do ICC

12. O Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília: pedagogia e megaestrutura | *Paola Caliarri Ferrari Martins* 266

Índice remissivo 279



Grelha modular na ilha artificial:

O projeto da Cidade Universitária no Rio de Janeiro e o ensino de arquitetura

GUILHERME CARLOS LASSANCE DOS SANTOS ABREU

INTRODUÇÃO

Na primeira metade do século XX, os projetos de cidades universitárias se apresentaram, no Brasil e em outras jovens nações da América Latina, como estratégia associada à ambição de fortalecimento de identidades nacionais¹. Cabe assim lembrar que apesar de sua realização datar dos anos 1950, o projeto para uma cidade universitária no Rio de Janeiro começou a ser pautado duas décadas antes, momento consecutivo ao da celebração do centenário da independência. Ele é, portanto, contemporâneo à emergência de movimentos artísticos e políticos mobilizados pela vontade de construção e afirmação de uma cena cultural nacional enfim liberada das influências herdadas das potências colonizadoras.

A adoção de uma linguagem moderna como resposta à busca de meios capazes de proporcionar a desejada emancipação cultural não foi imediata. Ela se deu após um longo processo em que foram formuladas diferentes propostas e foi preferida por estar justamente atrelada à construção de uma retórica progressista e racionalista de superação das influências estéticas e do debate estilístico graças à sua associação ao pensamento funcionalista².

Nesse contexto, o projeto de Cidade Universitária concebido por Jorge Machado Moreira e sua equipe de arquitetos do Escritório Técnico da Universidade do Brasil (ETUB) é paradigmático da aplicação da célebre máxima “a forma segue a função” (*form follows function*). Sua realização, mesmo que parcial, oferece uma clara demonstração da ambição de estabelecer um procedimento

racional de projeto amparado em critérios estritamente funcionais – condicionando as decisões de ordem compositiva ao atendimento das necessidades programáticas e ergonômicas idealizadas para os espaços projetados.

Podemos assim dizer que à emancipação política e cultural correspondeu uma vontade de autonomia do processo de concepção relativamente ao debate de pautas e de linguagens projetuais. Desde sua independência política, o país vinha buscando em outras fontes, referências estéticas que pudessem incorporar a expressão dessa autonomia. A transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro que resultou na transformação da cidade em capital do Império já havia recorrido à arquitetura neoclássica como meio de expressão desse desejo de reconhecimento da nova condição de centralidade política e cultural, distinta daquela da periferia dependente associada ao passado colonial.

PAUTA PROJETUAL E PAUTA PEDAGÓGICA

Nesse sentido, vale lembrar que a relação entre pauta projetual e pauta pedagógica tem sua origem histórica no vínculo que a arquitetura neoclássica teve com a institucionalização do ensino de arquitetura a partir do século XVII. Na França, a criação de uma academia real que pudesse regular a prática projetual e a formação dos arquitetos foi uma iniciativa do regime monárquico absolutista que buscava assim um meio para expressar sua autoridade, gravando-a literalmente na pedra (LASSANCE, 2009). No Brasil, vemos surgir uma relação análoga com a fundação, pelo poder imperial, do primeiro curso de arquitetura no país³.

Na sequência, com o que pode ser considerado uma nova etapa no movimento de independência política do país que foi a instituição da república, assistimos ao desenvolvimento de um debate local de pautas para a arquitetura. O momento eclético no Brasil pode assim ser visto como a expressão de um espaço de discussão sobre a legitimidade das referências para projetar e ensinar a arquitetura. Um rico período que se estendeu ao longo do primeiro quartel do século XX em que a ausência de uma pauta hegemônica ajudou a reproduzir, nos meios acadêmicos e profissionais brasileiros, algo do que havia sido a cultura do debate do século XIX na Europa (EPRON, 1998).

Esse período revela uma parte essencial e intrínseca a todo processo de concepção. Ela corresponde justamente à definição do conjunto coerente de valores e argumentos que dá sustentação e condiciona todas as demais de-



Figura 1 – Foto mostrando perspectiva externa do edifício-sede da FNA na Cidade Universitária do Rio de Janeiro.

cisões de projeto, da definição de problemas à delimitação do seu campo de soluções possíveis⁴. Daí a importância estratégica que essa definição possui relativamente ao papel da arquitetura como meio de representação do poder.

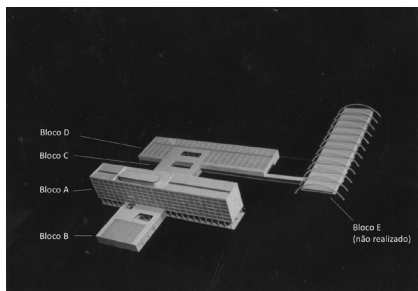
O embate de estilos e a incessante busca por uma pauta projetual que pudesse condicionar de forma definitiva a maneira de fazer arquitetura no Brasil explorou diferentes hipóteses. Algumas delas, como a tentativa neocolonial e as experimentações pré-colombianas, foram buscar suas justificativas em referências que tivessem relação com uma arqueologia das nossas origens – pista classicamente trilhada pela tratadística da arquitetura para explicar e justificar seus modelos e argumentos teóricos⁵. A produção modernista aparece então como mais uma dessas pautas, sendo inclusive objeto de embates acadêmicos que animaram a discussão sobre o ensino então conduzido na Escola de Belas Artes (FAVERO, 2009).

ENSINO PROFISSIONALIZANTE E RACIONALIDADE FUNCIONALISTA

Essa rica discussão que sustentava a atividade de argumentação, tão indispensável a uma formação crítica capaz de demonstrar a relação de interdependência entre projeto e teoria, será interrompida pelo apoio explícito que o Estado Novo, em seu projeto de desenvolvimento e construção de uma identidade nacional, passará a dar à arquitetura moderna. Assim patrocinada pelo governo, a pauta modernista assumirá um enorme protagonismo⁶. Mesmo que plural e complexa em sua expressão, é inegável que essa pauta esteve, ao menos no Rio de Janeiro, sob influência direta da codificação proposta por Le Corbusier. A extensa produção do que chegou a ser chamada de “Escola Carioca” povoou a mídia especializada da época. Essa produção é até hoje saudosamente celebrada como uma das melhores e mais autênticas expressões da arquitetura produzida no Brasil.

As ambições desenvolvimentistas do Estado e o apoio por ele conferido à arquitetura moderna tem grande convergência com a própria gênese do projeto de universidade. Em 1920, a primeira instituição universitária brasileira foi criada como resultante da simples adição e justaposição de diferentes faculdades que, em suas respectivas origens e histórias tiveram, por sua vez, forte relação com a formação de quadros profissionais considerados indispensáveis à construção do próprio país. Alguns anos mais tarde, a lei 452 de 5/7/1937 reforçaria esse entendimento. Impulsionada pelo então Ministro

Figura 2 - Modelo do projeto para o edifício da FNA na Cidade Universitária, Rio de Janeiro.



da Educação Gustavo Capanema e mais amplamente pelo chamado Estado Novo, a lei defenderia um conceito de universidade não como *locus* da pesquisa científica e da inovação, mas como instituição voltada para o ensino profissionalizante, considerado mais útil para o enfrentamento dos desafios impostos pelo projeto de modernização do país. A adoção da razão funcionalista estava assim perfeitamente coadunada com tal conceito de universidade que se impôs em detrimento de outras formulações, como a da visão mais articulada entre ensino e pesquisa defendida por Anísio Teixeira em uma experiência logo sufocada para a Universidade do Distrito Federal (UDF).

Essa sintonia entre missão profissionalizante e racionalidade funcionalista ajuda também a explicar, ao menos em parte, a inviabilização conceitual da proposta apresentada por Marcelo Piacentini, arquiteto que havia sido convidado pelo governo brasileiro em razão de sua experiência como autor do projeto para o novo campus da Universidade de Roma. Tanto o convite que havia sido feito ao arquiteto italiano, quanto o entusiasmo demonstrado pelo meio acadêmico com sua proposta atestam uma vinculação cultural ainda forte com as referências estrangeiras, mas também a contradição que criavam com a busca de uma produção emancipatória relativamente a essas referências importadas. Apesar de também resultar de uma influência estrangeira, a pauta modernista se diferencia de suas concorrentes no sentido em que se apresenta, em seus argumentos e demonstrações, não como um estilo, mas como produto de um processo pretensamente racional e culturalmente isento. E isso só vem reforçar e dar legitimidade ao modernismo funcionalista como resposta definitivamente correta e verdadeira para poder escapar do jugo de modelos e estilos e superar o eterno e arbitrário debate de pautas sobre arquitetura e urbanismo.

Urbanismo universitário e conceito de universidade

Todos esses fatores criam uma situação bastante favorável à realização do projeto de autonomia que teve na criação do campus universitário e suas inúmeras reproduções pelo país uma de suas melhores oportunidades de demonstração. No Rio de Janeiro, ela começa com a própria implantação da Cidade Universitária em um território *ex-nihilo*, artificialmente criado para acolher o campus – um grande aterro que transformaria em realidade o fundamental mito da tabula rasa modernista, configurando um conjunto de ilhas em uma superfície *idealmente nova e sem memória*.

Além dessa implantação em sítio paradigmático, o projeto urbanístico do campus adota o conceito de setorização funcional que preserva até hoje a lógica de ensino e formação própria a cada escola, gerando um campus universitário pensado como mera justaposição de diferentes faculdades e não como uma instituição organicamente articulada e conceitualmente indivisível.

Como evidências concretas dessa situação, podemos mencionar o privilégio conferido aos projetos de edifícios que, apesar de serem compostos por blocos articulados, são pensados como estruturas isoladas umas das outras. A total ausência de previsão, pelo projeto original, de dispositivos de ligação entre unidades que transcendam a lógica de organização interna a cada escola torna-se ainda mais flagrante no atual contexto de realização parcial do projeto urbanístico. Os espaços externos são assim concebidos como grandes vazios intersticiais sem outra vocação que a da representação desse solo horizontal, abstrato e sem memória criado pelo aterro artificial. Uma superfície cujo desenho encontra-se livre de qualquer condicionamento que não seja o da circulação eficiente de veículos motorizados, símbolos do desejo de progresso que está no bojo do projeto da Cidade Universitária concebida como analogia e ilustração do novo *conceito de cidade*.

Essas características espaciais não só permitem que se tolere a realização incompleta do projeto de cidade universitária, como confortam uma atitude de resistência a qualquer iniciativa de nela reunir suas unidades acadêmicas⁷. Podemos ver assim o projeto para a Cidade Universitária do Rio de Janeiro não apenas como etapa e componente do processo mais amplo de emancipação cultural do país, mas também de emancipação do próprio processo de concepção em arquitetura e urbanismo e de seu ensino relativamente ao debate de pautas, à reflexão teórica e crítica e à discussão sobre a legitimidade de referências.

Arquitetura para um ensino de arquitetura

Desse contexto do projeto da Cidade Universitária faz parte o projeto para a então Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA), mais tarde renomeada Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ). O grandioso edifício está entre as poucas edificações previstas no projeto original que foram realizadas e estão hoje ainda em funcionamento. Seu esquema compositivo geral em muito se assemelha com um croqui de Le Corbusier para uma primeira versão do projeto do

Ministério da Educação e Saúde. Muitos veem nessa semelhança um sinal de fraqueza intelectual do arquiteto e, até mesmo, para alguns, um problema de autoria. Entretanto, preferimos ver essa referência quase literal como uma evidência da pretendida ambição de suspensão da intenção compositiva em prol da estrita aplicação de um diagrama espacial cujo sistema modular já contém em si seu esquema construtivo resolvido e pode ser assim ajustado a condicionantes puramente funcionais. Outro indício dessa suspensão é o tradicional *locus* no qual se exerce o estudo compositivo que é a fachada e que se determina, nesse processo, como resultante direta do condicionamento modular, sem concessão a qualquer intenção plástica não justificada racionalmente ou que pudesse denotar algum personalismo autoral por parte do arquiteto. Forçando talvez um pouco nossa análise, poderíamos incluir aí a própria curva do mezanino no grande hall de entrada como solução-padrão do código friamente transferida de uma das obras do mestre europeu para ser aplicada naquele tipo de espaço funcional que é o de um hall de entrada.

Como as demais construções do campus previstas no projeto original, o edifício se subdivide em blocos cujas formas distintas remetem a atividades também distintas – salas de aula, biblioteca, administração, restaurante, vestiários, oficinas, auditório e ginásio esportivo –, outra evidência considerada convergente com o discurso do estrito emprego da razão funcionalista de subordinação da forma aos imperativos do programa de necessidades. Entretanto, entendemos tratar-se efetivamente de um discurso que pretende dissimular, para as gerações seguintes, o papel e a influência de referências tipológicas cujas origens poderiam remontar a tempos tão ancestrais quanto a antiguidade greco-romana, tendo sido empregadas por séculos no desenho de abadias e palácios. Essas relações exigem, por parte do arquiteto autor do projeto, o domínio de conhecimentos que em muito transcendem o simples atendimento das exigências programáticas e contrariam, portanto, as alardeadas pretensões racionalistas e deterministas da lógica funcionalista.

Mas talvez seja na concepção do bloco principal (bloco A) que a ambição de uma estreita relação entre os projetos arquitetônico e pedagógico torna-se mais crível e legível. Ele corresponde a uma grande lâmina de 170 metros de comprimento e oito pavimentos, dos quais 6 são pavimentos-tipo, tendo sido, portanto, projetados como espaços totalmente idênticos. Eles acolhem em sua fachada sul as salas de tipo ateliê destinadas ao ensino de projeto, todas também identicamente desenhadas e equipadas com mobiliário projetado segundo

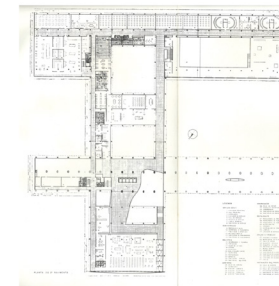
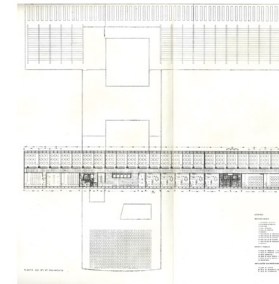


Figura 3 – Planta baixa do pavimento-tipo do projeto para o edifício da FNA na Cidade Universitária, Rio de Janeiro.

Figura 4 – Planta baixa do segundo pavimento do projeto para o edifício da FNA na Cidade Universitária, Rio de Janeiro.

normas ergonômicas e dimensionais para dar conforto e eficiência de uso a atividades e gestos integralmente previstos e determinados pelo arquiteto. Na face norte da lâmina estão as salas de aula teórica e os espaços administrativos destinados a nada menos do que seis departamentos. Estes oferecem, em suas respectivas áreas de especialidade, as diferentes disciplinas que compõem o currículo do curso segundo uma lógica de justaposição e compartimentação dos saberes que lembra em muito o próprio projeto do campus com suas unidades acadêmicas isoladas – uma realidade sintonizada com o projeto espacial pensado para compartimentar e segregar, embora reformulações mais recentes do currículo do curso de graduação venham tentando modificá-la, no sentido de criar uma maior integração entre disciplinas.

O bloco B é o da biblioteca com forma que também pretende ser uma resultante estrita do diagrama funcional. Suspensa sobre pilotis, seu volume serve de marquise de acesso e abriga um amplo salão iluminado zenitalmente, ladeado por salas de trabalho e espaços anexos para a gestão e conservação do acervo.

O bloco C com dois pavimentos foi destinado aos espaços administrativos da faculdade e serve hoje para a administração central da universidade (reitoria). Ele separa dois pátios e ajuda a articular, por meio de passarela e corredor de serviço, os blocos A e B ao bloco D, também com dois andares, onde funcionam as oficinas, ginásio esportivo e auditório.

Acreditamos que ele teve e tem ainda consequências diretas para o ensino de arquitetura e a formação dos arquitetos no Brasil. Uma relação que se torna ainda mais importante quando consideramos que o projeto pedagógico do curso da FNA foi imposto e utilizado durante um longo período de tempo como modelo a ser seguido para criação e organização dos currículos adotados por praticamente todos os cursos de arquitetura do país.

CONCLUSÃO

Nesse sentido, podemos afirmar que a pauta do modernismo funcionalista continha em sua formulação e aplicação algo como (?) um conjunto coerente de argumentos com efeito comparável ao de um “anticorpo” capaz de suspender e ao mesmo tempo dificultar a emergência de quaisquer outras pautas que pudessem contrariar sua lógica.

Associamos assim essa pauta e a arquitetura da Cidade Universitária, incluindo aí a da própria Faculdade de Arquitetura, ao triste florescimento de

uma tradição de ensino reduzido ao treinamento de profissionais tecnicamente eficientes. Acreditamos que essa tradição acabou sendo potencializada pela convergência que teve com um conjunto de circunstâncias que sucedeu à criação da própria universidade: um momento de incremento da produção, seguido de desenvolvimento industrial, guerra fria e golpe militar.

A tradição de ensino a que nos referimos aqui teve sérias consequências para a construção de uma cultura profissional de índole acrítica e anti-intelectual que encontrou respaldo nos critérios pretensamente objetivos e “verdadeiros” da racionalização dos processos de concepção e construção, da ergonomia de uso e de uma regulamentação cada vez mais restritiva e padronizadora. Acabou assim produzindo um efeito inverso ao esperado: ao invés de proporcionar autonomia, gerou uma condição de extrema dependência intelectual, contribuindo para a formação de profissionais reprodutores de fórmulas prontas e inconscientes da necessidade de posicionar-se criticamente em relação às demandas que lhes são formuladas. Essa situação vem satisfazendo os interesses de uma indústria da construção civil caracterizada por um baixíssimo nível de inovação, condição que a mantém refém de um mercado imobiliário desprovido de qualquer comprometimento com a qualidade de nossas vidas e cidades. Isso permite considerar a responsabilidade do modelo de ensino de arquitetura que não só evitou o debate, mas chegou até mesmo a suspender o próprio conceito de pauta projetual.

NOTAS

¹ Como exemplos desses projetos, podemos mencionar as criações das universidades nacionais de Porto Rico (1925), Colômbia (1937), Venezuela (1945) e México (1947).

² Apesar de reconhecermos hoje a pluralidade de expressões do que designamos como “Movimento Moderno”, diversas foram as publicações que se ergueram em prol de uma pretendida racionalidade moderna como meio de superação da arbitrariedade das correntes estilísticas. Exemplos disso foram os textos panfletários de críticos como Giedion e arquitetos autores como o prolixo Le Corbusier – cujas publicações e capacidade de estruturação doutrinária o transformaram sem dúvida em uma das principais referências para disseminação da pauta modernista.

³ Cabe lembrar que a iniciativa de criação de uma instituição de ensino de arquitetura foi também tomada pelo poder real instalado no Rio de Janeiro quando da transformação da capital da colônia em capital do império.

⁴ Bem mais tarde, já na segunda metade do século XX, diversos autores que se debruçaram sobre o estudo dos processos de concepção em arquitetura reconheceriam o papel fundamental que tais conjuntos de valores desempenham. Seria demasiado aprofundar aqui essa bibliografia, mas cabe mencionar que grande parte dos resultados dessas pesquisas teve na revista *Design Studies* um de seus principais instrumentos de registro e difusão.

⁵ Também seria indevido aqui entrar no detalhamento da produção teórica que explorou essa via. Para um contato com essa produção, sugerimos a leitura da impressionante análise proposta por H. W. Kruft (KRUF, 1994).

⁶ Uma prática do debate teórico que encontra até hoje dificuldades para ser recuperada, numa cultura de projeto que acabou naturalizando a autonomia de uma atitude acrítica. Para uma crítica a esse protagonismo, recomendamos a leitura da história não moderna da arquitetura ensaiada por M. Puppi (PUPPI, 1998).

⁷ Vale lembrar aqui da iniciativa frustrada conduzida, já neste século, pelo reitor Aloysio Teixeira e também da forma autônoma como as diferentes unidades acadêmicas são pensadas e administradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORDEIRO, Patricia C. **A cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Preservação da Arquitetura Moderna. São Paulo: Tese de Doutorado, FAU-USP, 2015.
- EPRON, Jean-Pierre. **Comprendre l'Eclectisme**. Paris: Norma, 1998.
- FAVERO, Marcos O. **Dos Mestres sem Escola à Escola sem Mestre**. Rio de Janeiro: Tese de doutorado, Proarq-FAU-UFRJ, 2009.
- KRUF, Hanno W. **A history of architectural theory**. From Vitruvius to the present. Nova York: Princeton Architectural Press, 1994.
- LASSANCE, Guilherme. Ensino e teoria da arquitetura na França do século XIX: o debate sobre a legitimidade das referências. *In: Leituras em Teoria da Arquitetura I, Conceitos*. Rio de Janeiro: Vianna & Mosley, 2009.
- PUPPI, Marcelo. **Por uma história não moderna da arquitetura brasileira**. São Paulo: Pontes, 1998.

Índice remissivo

- Arquitetura moderna 11, 12, 15, 21, 39, 49, 55, 64-66, 68-80, 82, 83, 157, 161, 163, 179, 210
- Biblioteca 29, 31, 32, 42, 43, 54, 60, 70, 82, 164, 167-169, 176, 177, 199, 246-249, 258, 263
- Campus universitário 9, 14, 40, 41, 48-50, 53, 55, 162, 235, 246, 255, 257, 260, 270, 274, 276, 278
- contexto urbano 229
- eixo 9, 10, 15, 25, 26, 31, 47, 50, 52, 55, 60, 61, 157, 162, 164, 168, 170, 177, 260-262
- ensino 912, 15, 29, 38-44, 54, 56, 57, 65, 67, 68, 71, 72, 73, 79, 80, 91, 163, 165, 166, 170, 180, 195, 227, 229, 244, 245, 250, 251, 258, 269-278
- espaço universitário 9, 10, 15, 87, 179, 269, 275
- faculdade de arquitetura 12, 41, 43, 53, 65, 67, 69, 72, 73, 76, 77, 81-83, 160, 181, 187, 196, 198, 201, 203, 244, 261, 278
- ICC (Instituto Central de Ciências) 9-15, 33, 88, 89, 155, 167, 169-174, 177-183, 187, 188, 191-195, 197, 202, 209-213, 215-217, 219, 225-239, 244, 246, 248, 249, 253, 257-262, 274-277
- infraestrutura 11-13, 53, 56, 57, 62, 82, 89, 90, 188, 190, 197, 198, 199, 261
- inovação 14, 16, 40, 44, 59, 68, 80, 190, 217, 239, 256, 256, 259, 261, 269
- Lucio Costa 9, 10, 16, 21-23, 29, 30-33, 51, 78-80, 157, 158, 161-165, 167, 170, 178, 207, 218, 227, 229, 249, 258, 259, 262, 263, 274
- megaestrutura 9, 10, 12, 15, 88, 92, 93, 272-274
- mobilidade 57, 58, 61
- modernidade 10, 11, 16, 72, 179
- Oscar Niemeyer 9, 10, 13, 14, 21, 67, 79-81, 87, 88, 155, 157-159, 161, 165, 167-171, 173-182, 187, 205, 209, 218, 220, 226, 2227, 232, 236, 238, 243, 244, 248, 256, 258, 259, 274, 275

paisagem 10, 13, 23, 29, 31, 32, 58, 59, 78, 93, 156, 157, 209, 225, 226, 229, 232, 238

patrimônio 66, 69, 70, 77, 78, 82, 83, 159, 258

Plano Diretor 14, 55, 58, 61, 62, 82, 218, 235, 256, 257, 260, 274

Praça Maior | Praça Magna 10, 14, 22, 23, 29-33, 163, 164, 167-169, 174, 176-178, 190, 244, 246, 248, 251, 263

processo histórico 22, 27, 72

projeto arquitetônico 247, 274

Reitoria 31, 32, 43, 50, 52, 54, 55, 58, 69, 71, 81, 88, 164, 167, 168, 176, 177, 199, 246, 247, 261

sistema construtivo 70, 90-93, 181, 209

sistema estrutural 89, 219

Crédito das figuras

ACERVOS:

CEPLAN

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

ICC: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Capítulo 7: 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10

Capítulo 8: 7

Arquivo Público do Distrito Federal

ICC: 26, 37, 38, 39

Capítulo 8: 2, 3, 4, 5

Arquivo Central da Universidade de Brasília

Capa, 1 (antes da apresentação), 2 (após a apresentação), 3 (após o último capítulo)

ICC: 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40

Capítulo 8: 7, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19

Wikimedia Commons

Capítulo 1: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Acervo pessoal de Matheus Gorovitz

Capítulo 1: 28

Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ

Capítulo 2: 1, 2, 3, 4

Acervo UFPE

Capítulo 3: 2, 4

IPHAN – PE

Capítulo 3: 3

Plano Diretor Físico – UFPE

Capítulo 3: 5, 10

Acervo Memorial Denis Bernardes – UFPE

Capítulo 3: 6, 7

Acervo FAM/PROPAR/UFRGS

Capítulo 4: 1, 2, 3, 5a, 5b, 12, 13, 14, 15, 8b

Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico – SUINFRA/UFRGS

Capítulo 4: 4, 6, 7, 8a, 9, 10, 11

Acervo PVC/FA/UFRGS

Capítulo 4: 16

Acervo UFMG

Capítulo 5: 1, 4, 5, 6, 10, 11, 12

Prefeitura do Campus

Capítulo 9: 9

Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro (1998) - UnB

Capítulo 11: 1, 2

Google Earth

Capítulo 11: 3

FOTOGRAFIA:

Randal Andrade

ICC: 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Paulo Honorato (ilustração)

Capítulo 1: 1, 2, 17, 18, 23, 24, 25, 26

Maria Cláudia Candeia de Souza

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

Diogo Barretto

Capítulo 3: 8

Lucas Jordano

Capítulo 3: 9

Irineu Breitman

Capítulo 4: 3

Sérgio M. Marques

Capítulo 4: 8b

Carlos Alberto Batista Maciel

Capítulo 5: 2, 3, 7, 8, 9

Junia Mortimer

Capítulo 5: 12

Paola Ferrari

ICC: 1, 2, 3

Elcio Gomes da Silva

Capítulo 8: 1

Juliano Caldas de Vasconcellos

Capítulo 8: 12

Cláudia Amorim

Capítulo 9: 4, 5, 6

Caio Silva

Capítulo 9: 7

Nayanna Nobre

Capítulo 10: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

Adaptado de MELLART, J, Catal Hüyük: A Neolithic Town In Anatolia. New York: McGraw-Hill Book Company, 1967, p. 59, 62 e 127. **Capítulo 1: 1**

Adaptado de Claus Roloff in SMITH, M. Gordon Childe and the Urban Revolution: a historical perspective on a revolution in urban studies. TPR, 80 (1), 2009, p. 9. Disponível em: < <https://www.public.asu.edu/~mesmith9/1-CompleteSet/MES->

[-09-Childe-TPR.pdf](#)>. Acesso em: 21 jan. 2022. **Capítulo 1: 2**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; NACHBIN, Leopoldo; RIBEIRO, Darcy; TEIXEIRA, Anísio. Plano orientador da Universidade de Brasília. Brasília, 1962, p. 22, p. 25 e p. 33. **Capítulo 1: 16, 19**

CABRAL, Renata Campello. Mario Russo: um arquiteto italiano racionalista no Recife. Recife: Editora da UFPE, 2006, p. 32. **Capítulo 3: 1**

ROMERO, Marta Adriana Bustos; CLÍMACO, Rosana; ANDRADE. Liza (coord). Avaliação ambiental integrada do Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília. Relatório. **Capítulo 9: 1, 8**

QUEIROZ, Claudio J. P. V. Instituto Central de Ciências: Plano de Conclusão e Sistematização de Usos. Brasília. Universidade de Brasília, Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Centro de Planejamento - CEPPLAN. Brasília, 1990. **Capítulo 9: 3**

MODELAGEM TRIDIMENSIONAL:

Elcio Gomes, Juliano Vasconcellos, José Manoel Sánchez
Capítulo 8: 6, 8, 9, 10, 11

SIMULAÇÃO COMPUTACIONAL:

Programa Sol-Ar
Capítulo 9: 2a, 2b, 4, 5

Projeto, Ensino e Espaço Universitário: o Instituto Central de Ciências (ICC-UnB) e outras arquiteturas

CURRICULUM RESUMIDO DOS ORGANIZADORES:

Luciana Saboia Fonseca Cruz

Professor Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PPGFAU - UnB) e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2019. Foi vice-diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (2015-2019) e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (2019-2021). Atua como pesquisadora visitante no laboratório Office for Urbanization da GSD Harvard, EUA, pesquisadora associada ao LOCI, UCLouvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica; ao Laboratoire Infrastructure, Architecture, Territoire - LIAT, ENSA Paris-Malaquais, França. Pesquisa e publica sobre a relação entre paisagem, apropriação social e teoria do projeto com enfoque nas questões sobre modernidade, urbanismo moderno e novas capitais.

Ana Elisabete de Almeida Medeiros

Arquiteta e Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília, SOL/UnB (2002) incluindo um período de estágio no Center of Latin American Studies da University of California Berkeley, CLAS/UC Berkeley (2001). Realizou estudos de pós-doutoramento no Laboratoire PACTE, IUG/IGEA - UPMF e foi pesquisadora visitante no Latin American Centre

da University of Oxford. Pesquisa e publica sobre a preservação do patrimônio cultural e suas interfaces com questões da arquitetura e urbanismo modernos, da teoria e ensino de projeto, tendo buscado aproximações recentes com os campos da ciência política e etnografia. Foi consultora da UNESCO no Escritório Nacional em Brasília, em 2009 e hoje coordena o Projeto de Pesquisa Arquiteturas Impressas, parte do Grupo de Pesquisa Documentação, Modelagem e Preservação do Patrimônio Cultural UnB/CNPq, vinculado ao LabEUrbe (PPG/FAU-UnB), Laboratório de Estudos da Urbe do qual foi fundadora e Coordenadora (2013-2015).

Paola Caliarì Ferrari Martins

Arquiteta e Professora do Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Coordena o Centro de Documentação Edgar Graeff, biblioteca setorial da FAU/UnB (2015). É membro do grupo de pesquisa Topos - Paisagem, Projeto, Planejamento (UnB/CNPQ), e participa da pesquisa Projeto e Representação e Estudos sobre o Projeto de Edificação: ontologia, método e experiência, coordenado pelo prof. dr. Jaime Gonçalves de Almeida. Pesquisa questões relacionadas à concepção e desenvolvimento do projeto de arquitetura, especialmente na temática campus universitário, com interesse na articulação entre o processo de ensino-aprendizagem e o espaço arquitetônico. Está com a tese em elaboração intitulada: “Campus universitário e megaestrutura: o Instituto Central de Ciências e a impermanência da universidade”.

CURRICULUM RESUMIDO DOS AUTORES:

Matheus Gorovitz

Professor titular do Departamento de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1963), possui mestrado(1989) e doutorado (1996) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; estagio de pós doutorado na Universidade Paris I Sorbonne (2000). Publicou: Brasília, uma questão de escala, Os riscos do projeto e A invenção da Superquadra. Participa do Grupo de

Pesquisa Projeto e Estética sediado na FAU UnB com interesse nas áreas de Projeto e História da Arte e da Arquitetura.

Maria Cláudia Candeia de Souza

Doutora em Arquitetura e Regeneração Urbana pela Universidade de Tóquio. É professora no Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB). Coordena do grupo de pesquisa “Geometria Construtiva: possibilidades na arte e na arquitetura” (FAU-UnB) e atualmente desenvolve pesquisa sobre arte e arquitetura japonesa contemporânea no Núcleo de Estudos Asiáticos da Universidade de Brasília (NEASIA-UnB).

Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu

Professor titular e diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB-UFRJ) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2016. Arquiteto pela Ecole d'Architecture de Toulouse (1992), é doutor em Ciências da Arquitetura pela Universidade de Nantes (1998) com atuação na Universidade de Columbia em Nova York, e outras instituições como ENSA Marseille, ENSA Paris-Malaquais e Université Paris-Est na França. É diretor do UrCA (Urbanismo, Crítica e Arquitetura) - um grupo de pesquisa que se dedica ao estudo de abordagens alternativas para a cidade contemporânea, com foco especial na urbanização periférica do Sul Global.

Fernando Diniz Moreira

Doutor em Arquitetura pela University of Pennsylvania (2004). É professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi professor visitante na Fu Jen Catholic University, Taiwan (2019), Universidade Técnica de Lisboa (2011) e na University of Pennsylvania (2003-2004), ICCROM Fellow (2008) e Samuel H. Kress Foundation scholar (2003-2004). Bolsista produtividade do CNPQ, coordena o projeto de pesquisa Lugar e Tectônica na Arquitetura Contemporânea com inúmeras publicações no Brasil e exterior. Sua área de interesse reside em teoria e história da arquitetura, história do urbanismo e conservação com experiência profissional em conservação urbana e arquitetônica, tendo participado das equipes dos planos diretores e planos urbanísticos.

Sérgio Moacir Marques

Doutor em Arquitetura Moderna Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor Associado da FA/UFRGS e líder do grupo de pesquisa O ENSINO E A PESQUISA DO PROJETO_A Produção da Arquitetura Moderna e Contemporânea, CNPq/PROPAR. Foi sócio do MooMAA - Moojen & Marques Arquitetos Associados (1987/2019) com projetos premiados e publicados no Brasil e exterior, atua na área de projetos de arquitetura, urbanismo e comunicação visual. Temas de interesse: Ensino do Projeto de Arquitetura e Urbanismo, Arquitetura Moderna, Arquitetura Contemporânea, Arquitetura Latino-Americana.

Carlos Alberto Batista Maciel

Arquiteto, Doutor em teoria e prática de projeto, professor adjunto da Escola de Arquitetura da UFMG, sócio do escritório Arquitetos Associados. Foi diretor e coordenador geral de projetos do Departamento de Planejamento Físico e Projetos da UFMG entre 2010 e 2013. É fundador do escritório Arquitetos Associados, estúdio colaborativo com prática arquitetônica extensa e reconhecida. Estuda as inserções fortemente influenciadas pela paisagem e suas pré-existências.

Andrey Rosenthal Schlee

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1999) e professor Titular da Universidade de Brasília. Foi Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB e Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do IPHAN. Dedicou-se à preservação do patrimônio cultural, arquitetura brasileira, arquitetura no Rio Grande do Sul e arquitetura e urbanismo em Brasília, como também às questões relacionadas com a melhoria do Ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Cláudio Oliveira Arantes

Arquiteto e urbanista formado na Universidade de Brasília, atua no Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN) da Universidade de Brasília desde 2003.

Elcio Gomes da Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Arquiteto da MGSAR Arquitetos Associados, Analista Legislativo na função

de arquiteto da Câmara dos Deputados e Pesquisador Colaborador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. É autor do livro “Os palácios originais de Brasília” (2014). Está vinculado ao projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” integrante do programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Juliano Caldas de Vasconcellos

Doutorando em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no Departamento de Arquitetura. Integra o projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” vinculado ao programa de pós-graduação da FAU/UnB.

José Manoel Morales Sánchez

Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade de Brasília (1979), mestrado em Estruturas - COPPE/UFRJ - Programa de Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Estruturas e Construção Civil pela Universidade de Brasília (2003). Foi diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB. Atualmente é professor associado e do docente permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo com atuação em temas de pesquisa e ensino de arquitetura e engenharia civil.

Cláudia Naves David Amorim

Arquiteta, Doutora em Tecnologias Energéticas e Ambientais na Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, com tese desenvolvida no Politecnico di Milano (Italia) e Bavarian Centre for Applied Energy Research -ZAE Bayern - Wuerzburg (Alemanha). Professora Associada da Universidade de Brasília (UnB), atual coordenadora do Laboratório de Controle Ambiental (LACAM). com ênfase em sustentabilidade e qualidade ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: Iluminação natural, conforto ambiental, eficiência energética, projeto de arquitetura, reabilitação de edifícios e simulação computacional. É a atual Diretora de Pesquisa do Decanato de Pesquisa e Inovação da Universidade de Brasília.

Caio Frederico e Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, atualmente é professor associado vinculado ao Departamento de Tecnologia da FAU-UnB desde 2011. Desenvolveu pesquisas na Universidade Nova de Lisboa (UNL, 2016) e na Universidade de Harvard sobre questões de sustentabilidade, eficiência energética e conforto térmico. É pesquisador do Laboratório de Sustentabilidade Aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo - LaSUS/UnB e do Laboratório de Controle Ambiental - Lacam/UnB. Hoje é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

Guilherme Oliveira Sales

Arquiteto e Urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. É pós-graduando no curso Reabilita - Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística e integra o grupo de pesquisa “Simulação Computacional do Ambiente Construído” (SiCAC), ambos registrados no programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Reinaldo Guedes Machado

Professor da Universidade de Brasília, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2003) sobre o barroco brasileiro com a tese intitulada “O Púlpito luso-brasileiro”. Arquiteto e Artista plástico atua nas áreas História da Arte e da Arquitetura com ênfase no Desenho e Plástica.

Frederico Flósculo Pinheiro Barreto

Arquiteto, Doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), atualmente Professor do Departamento de Projeto e Expressão desde 1992. Foi vencedor do Concurso Nacional de Idéias e Estudos Preliminares de Arquitetura e Urbanismo para a Revitalização da Avenida W-3 em Brasília. Com ampla experiência profissional em arquitetura hospitalar e planejamento urbano atua especialmente nas áreas de projeto em arquitetura e urbanismo. É pesquisador do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília.

A Editora UnB é filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em Minion Pro e Bebas Neue Pro.

Este livro chegou em boa hora, e tem como foco um objeto extraordinário: o Instituto Central de Ciências (ICC), edifício estruturador do campus da Universidade de Brasília (UnB), projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e equipe. Em abril de 2022, a UnB comemorou 60 anos de existência (1962-2022). O ICC faz parte da história da universidade pública brasileira e foi resultado de uma experiência inovadora de organização universitária aliada ao processo de planejamento espacial e inovação tecnológica construtiva – a pré-fabricação de uma megaestrutura. A proposição foi elaborada por um grupo de educadores, intelectuais e profissionais – arquitetos e engenheiros, principalmente – liderados por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. No livro, o ICC é abordado por diferentes enfoques. Mas chama a atenção o subtítulo discreto de sua capa: “e outras arquiteturas”. Refere-se a uma seção de artigos dedicados a outras universidades nacionais: UFRJ, no Rio de Janeiro; UFPE, em Recife; UFRGS, em Porto Alegre; e UFMG, em Belo Horizonte. Depreende-se da leitura dessa seção fatos intrigantes, por exemplo, a interrupção e posterior abandono de duas experiências de organização institucional universitária: a do campus da UnB e da UFMG. Entretanto, os articulistas não levam em conta as forças nem os atores envolvidos na questão. Porém, a luta atávica pelo poder das corporações da universidade é inquestionável. Temos como consequência a pulverização dos edifícios no campus. O leitor e a leitora encontrarão este e outros fatos acerca do ICC e das outras arquiteturas mencionadas ao longo da obra.

Jaime Gonçalves de Almeida

EDITORA



UnB